

Mundos do Trabalho

Publicação Eletrônica Semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

GRUPO DE TRABALHO “MUNDOS DO TRABALHO”

(<http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/>)

Coordenação Nacional

Paulo Fontes

Coordenações Estaduais

Mato Grosso Do Sul

Vitor Wagner Neto de Oliveira

Rio Grande Do Sul

Diorge Alceno Konrad - Coordenador

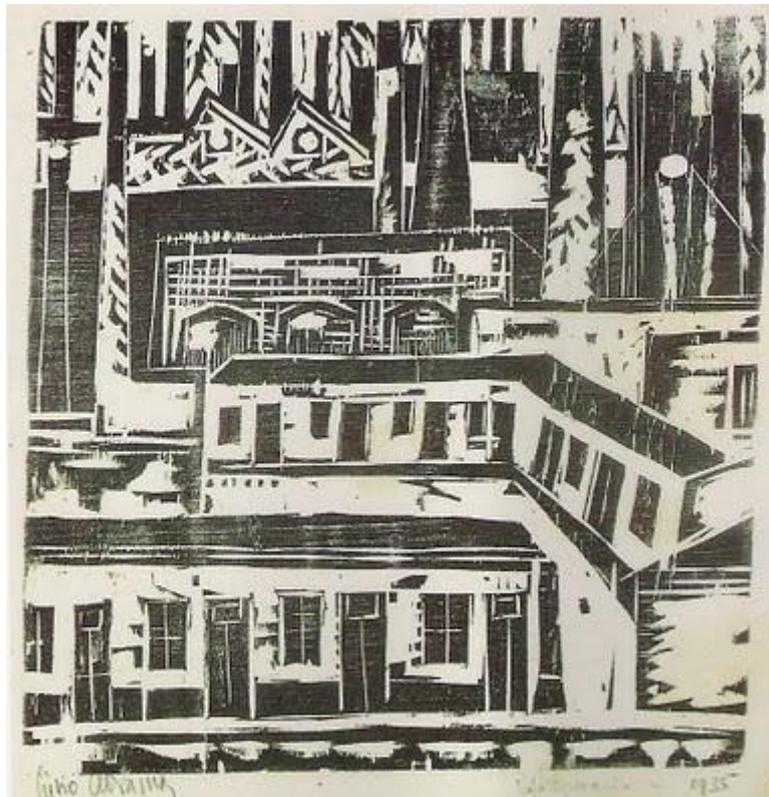
Clarice Gontarski Esperança - Vice Coordenadora

Santa Catarina

Adriano Luiz Duarte

São Paulo

Dainis Karepovs



Vila Operária (1935), Xilogravura de Lívio Abramo

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho>

Equipe Editorial

EDITORES

Deivison Gonçalves Amaral, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Fabiane Popinigis, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Marcelo Mac Cord, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Oswaldo Batista Acioly Maciel, Universidade Estadual de Alagoas e Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Samuel Fernando de Souza, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Vinícius de Rezende, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Fortes, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Luigi Negro, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Barbara Weinstein, New York University, Estados Unidos

Beatriz Ana Loner, Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Beatriz Mamigonian, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cláudio Henrique de Moraes Batalha, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Dick Geary, Nottingham University, Grã-Bretanha

Flavio dos Santos Gomes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

John D. French, Duke University, Estados Unidos

José Ricardo G. P. Ramalho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

José Sérgio Leite Lopes, Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Juan Suriano, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Marcel Van Der Linden, International Institute of Social History, Holanda

Marcelo Badaró Mattos, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Marco Aurélio Santana, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Célia P. M. Paoli, Universidade de São Paulo, Brasil

Michael McDonald Hall, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Michel Ralle, Université de Paris IV (Sorbonne), Paris

Mirta Zaida Lobato, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Norberto Osvaldo Ferreras, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Prabhu Mohapatra, University of Delhi, Índia

Sidney Chalhoub, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Vitor Wagner Neto de Oliveira, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

Ficha Técnica

ORGANIZAÇÃO DO NÚMERO

Deivison Amaral e Paulo Fontes

REVISÃO DE TEXTO

Sidney Wanderley

COLABORARAM COM O NÚMERO

Cristiana Schettini, Claudia Baeta Leal, Edilene Toledo, Felipe Magalhães, Maria Luiza Pinheiro, Norberto Ferreras, Silvana Palermo, Silvia Petersen,

DOSSIÊ

Mundo urbano e história do trabalho

Apresentação

MUNDO URBANO E HISTÓRIA DO TRABALHO

Paulo Fontes¹ e Deivison Amaral²

O mundo do trabalho nos dois últimos séculos tem uma relação umbilical com a formação da cidade moderna e com os múltiplos processos de urbanização engendrados pelo desenvolvimento do capitalismo industrial. Esta estreita conexão entre os trabalhadores e a dimensão urbana não escapou a muitos dos pioneiros dos estudos sobre o trabalho no século XIX. Friedrich Engels, por exemplo, em seu seminal *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845) deu uma especial ênfase às relações entre a formação das cidades fabris e a emergência do proletariado industrial.

Apesar disso, durante muito tempo a relação entre os mundos do trabalho e o mundo urbano foi assunto negligenciado ou secundarizado nas análises sobre a história dos trabalhadores. Como sabemos, a partir dos anos 1960, a chamada nova história social voltou suas atenções para a vida e o cotidiano dos trabalhadores para além das oficinas, fábricas e locais de trabalho em geral. Neste contexto, proliferaram estudos sobre cidades industriais, bairros operários e comunidades específicas de trabalhadores. Entretanto, na maior parte destes estudos a dimensão urbana e espacial propriamente dita era comumente tratada como um “pano de fundo” onde a ação social se desenrolava. Muito pouco era dito sobre como a “cidade”, o “espaço” e o “urbano” informavam e impactavam os processos de formação de classe e a ação política dos trabalhadores.

Nos últimos anos, sob variadas inspirações e influenciados por autores tão diversos como David Harvey, Henry Lefebvre, Ira Katznelson, Edward Soja e Mike Savage, para mencionar apenas alguns, vários historiadores sociais têm procurado dialogar com o que muitos chamam de um *spacial turn* das ciências sociais e tem procurado incorporar a dimensão espacial como um elemento essencial em suas análises sobre o mundo do trabalho. Diversos autores têm chamado nossa atenção para o fato de que assim como classe é um processo histórico, é também, em grande medida, um processo geográfico.

É nesse contexto que o dossiê "Mundo urbano e história do trabalho", que ora lhes apresentamos, pretende contribuir e estimular o debate, ao trazer artigos provenientes de pesquisas empíricas recentes e inovadoras sobre diferentes locais do Brasil, além da tradução de estudos influentes, ainda inéditos em língua portuguesa. Embora seja prática

¹ Paulo Fontes é professor do CPDOC/FGV e autor, entre outros, de *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. Pesquisador Produtividade do CNPq nível 2, é o atual coordenador nacional do GT Mundos do Trabalho da ANPUH.

² Deivison Amaral é doutorando em história social da Unicamp. Foi professor da UEMG e PUC Minas. Integra o corpo de editores da Revista Mundos do Trabalho.

comum estudos de história dos trabalhadores que contenham demarcação espacial clara – seja a fábrica, o bairro, a cidade, etc. –, interessa-nos enfatizar aqueles em que essa dimensão não é apenas utilizada para restringir o objeto de pesquisa, mas torna-se uma variável em análise nos processos nos quais os trabalhadores estão envolvidos.

A localização dos trabalhadores no espaço urbano pode revelar dinâmicas próprias dos movimentos associativos, formação de redes sociais de solidariedade, disputas e tensões políticas, além de aspectos de sociabilidades construídas no cotidiano, dentro ou fora do local de trabalho. Não por acaso o dossiê é aberto pelo artigo do sociólogo britânico Mike Savage, que discute as características básicas da “formação de classe”, tema muito caro aos historiadores sociais do trabalho. Savage aponta para as complexidades do uso do conceito de “formação de classe” e defende um alargamento conceitual que inclua a dimensão espacial. Por meio de um diálogo com a teoria social recente, o autor aponta duas perspectivas relevantes quando se considera o espaço como uma das dimensões da análise. A primeira perspectiva considera que o espaço ocupado por determinados grupos sociais está diretamente ligado a seus estilos de vida e podem, portanto, mostrar elementos da formação de identidades coletivas. A segunda demonstra como a formação de classe pode ocorrer quando classes sociais estendem-se através do espaço, constroem redes de ligação entre os sujeitos, mesmo quando têm ocupação espacial dispersa. A tensão entre essas duas perspectivas é tratada pelo autor como elemento que demonstra a complexidade do processo de formação de classe.

Um exemplo empírico e bem sucedido de análise historiográfica em que a dimensão espacial é valorizada é o estudo de José Luis Oyón sobre os antecedentes da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Em “A divisão da cidade dos trabalhadores: espaço urbano, imigração e anarquismo no entre guerras. Barcelona, 1914-1936”, o historiador espanhol examina as características sociológicas e espaciais da CNT (Confederación Nacional del Trabajo), em Barcelona, nas duas décadas anteriores ao processo revolucionário de 1936. Por meio de uma análise da ocupação urbana, dos processos migratórios, da qualificação profissional, dos hábitos cotidianos e da criação de redes de sociabilidade em Barcelona, o autor demonstra como os trabalhadores recém-imigrados e sem qualificação assumiram protagonismo no radicalismo revolucionário. Mais que uma análise empírica que demonstra a relevância de considerar a dimensão espacial, o estudo de Oyón aponta aspectos teóricos e metodológicos que permitem pensar a relação entre a ocupação espacial do mundo urbano e a história do trabalho.

Tomados em conjunto, os artigos de Savage e Oyón oferecem elementos para pensar a análise espacial nos estudos sobre os trabalhadores no Brasil. Os quatro artigos que seguem são resultados de pesquisas recentes, em que a dimensão espacial trouxe novas possibilidades de interpretação de elementos da vida política, da formação de classe, da vida associativa de trabalhadores e de processos de industrialização, no Brasil, em diferentes períodos e locais.

Maciel Henrique Carneiro da Silva estuda as trabalhadoras domésticas de Recife e Salvador nas décadas finais do século XIX e no início do século XX. No artigo intitulado “De

ruas estreitas e outros espaços: as domésticas de Recife e Salvador (1870-1910)”, o autor analisa a experiência dessas trabalhadoras migrantes refletindo sobre a relação entre o campo e a cidade e, ainda, sobre o processo de formação de redes sociais em novos espaços. Nesse sentido, apresenta um complexo universo de relações sociais que compunham o cotidiano dessas trabalhadoras, os conflitos e solidariedades que se davam nos becos e ruas estreitas por elas ocupados nas duas cidades.

No artigo intitulado “Industrialização, urbanização e formação de classe em Volta Redonda (1945-1979): do fim do Estado Novo aos tempos da ditadura”, Eduardo Ângelo da Silva e Leonardo Ângelo da Silva, analisam o processo de formação do operariado vinculado à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, e a conformação do sistema político local. Os autores mostram como as demandas urbanas dos trabalhadores sofreram alterações com a ascensão do Regime Militar, em 1964, e como essas mudanças se refletiram no mercado de trabalho e no espaço urbano do distrito.

Ainda com o foco sobre o estado do Rio de Janeiro, Luciana Pucu Wollmann do Amaral analisa aspectos da vida política e social dos trabalhadores/moradores do Barreto, antigo bairro operário localizado na cidade de Niterói, nos anos 1940 e 1950. A autora relaciona as vivências dos trabalhadores ao período conhecido como “era do populismo” e mostra que esse momento foi de prosperidade econômica, mas também de grande agitação política no bairro. As variadas opções de lazer disponíveis ao trabalhador foram consideradas como elementos de construção identitária com o bairro e impulsionadores da vida comunitária. É um estudo que mostra como as tensões políticas ficam evidentes quando se compreende a vida operária sem desconsiderar a dimensão espacial.

Francisco Barbosa de Macedo, no artigo “A Greve de 1980: redes sociais e espaço urbano na mobilização coletiva dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo”, mostra como a variável espacial pode apresentar elementos novos para a análise histórica. Ao analisar a greve dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 1980, o autor demonstra como os trabalhadores criaram redes sociais e se apropriaram dos espaços públicos com usos específicos nesse contexto grevista. Uma vez expulsos das fábricas e dos espaços centrais da cidade, eles se organizaram nos locais de residência e criaram uma geografia de mobilização política nos bairros em que residiam.

O processo histórico de industrialização do município de Guarulhos, em São Paulo, e o patrimônio industrial que dele decorreu é objeto de estudo de Edilene Toledo, no artigo “Guarulhos, cidade industrial: aspectos da história e do patrimônio da industrialização num município da Grande São Paulo”. A autora tenta identificar os agentes históricos desse processo industrializante e conectá-los a um processo mais amplo da história da industrialização no Brasil e no mundo. Especial destaque é dado ao papel do patrimônio industrial como documento dessa história, bem como aos desafios postos a sua preservação.

Desejamos a todos uma boa e inspiradora leitura!